

**MOBILIDADE ESPACIAL DOS CORTADORES DE CANA:
DIMENSÕES E SIGNIFICADOS RECENTES****SUGARCANES CUTTERS' SPATIAL MOBILITY: RECENT
DIMENSIONS AND MEANINGS****MOVILIDAD ESPACIAL DE LOS CORTADORES DE CAÑA:
DIMENSIONES Y SIGNIFICADOS RECIENTES****Ricardo Antunes Dantas de Oliveira¹***ricardo.dantas@icict.fiocruz.br***RESUMO**

A mobilidade espacial de trabalhadores é característica essencial do mercado de trabalho do Complexo Agroindustrial Canavieiro. A primeira década do século XXI foi marcada por importante expansão do complexo, o que implicou no aumento da mobilização de trabalhadores originários de algumas das regiões mais pobres do Brasil. A compreensão dessa modalidade migratória envolve analisar suas dimensões essenciais (origens, motivações, arranjos familiares e domiciliares, além da questão das redes) que, articuladas, expressam as suas especificidades temporais e espaciais, caracterizando seus significados no momento histórico atual da sociedade e da economia brasileiras. A análise dessas questões foi desenvolvida a partir das narrativas de cortadores de cana de duas regiões do estado de São Paulo, principal área produtora, com base na literatura internacional sobre migrações e da importante produção brasileira sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: mobilidade espacial, cortadores de cana, narrativas, estado de São Paulo.

ABSTRACT

The spatial mobility of workers is an essential characteristic of Sugarcane Agro industrial Complex. The 21st century first decade was marked by an important expansion of the complex, which resulted in an increased mobilization of workers from some of the poorest regions of Brazil. The apprehension of this migratory modality involves the analysis of its essential dimensions (origins, motivation, family and household arrangements, and the networks' question) which, articulated, express temporal and spatial specificities. This way characterizes their meanings in the current moment of Brazilian economy and society. The analysis of these questions was developed from narratives of migrants' sugarcane cutters in two regions of São Paulo state, the most important producing area in Brazil, and based on the international literature about migration and the important Brazilian studies about the theme.

KEYWORDS: spatial mobility, sugarcane cutters, narratives, São Paulo state.

RESUMEN

La movilidad espacial de los trabajadores es característica esencial del mercado de trabajo del Complejo Agroindustrial de la Caña de Azúcar. La primera década del siglo XXI fue marcada por una importante expansión del complejo, lo que ha implicado en el incremento de la movilización de trabajadores originarios de las regiones más pobres de Brasil. La comprensión de esa modalidad migratoria supone analizar sus dimensiones esenciales (orígenes, motivaciones, arreglos familiares y de hogares, más allá de la cuestión de las redes) que, articuladas, expresan sus especificidades temporales y espaciales, caracterizando sus significados en el momento histórico actual de la sociedad y economía brasileñas. El análisis de esas cuestiones fue desarrollada a partir de las narrativas de los cortadores de caña de dos regiones del estado de São Paulo, principal área

¹ Pesquisador em Saúde Pública – Laboratório de Informação em Saúde (LIS)/ICICT/FIOCRUZ.

productora, basada en la literatura internacional sobre migraciones y en la importante producción brasileña sobre la temática.

PALABRAS-CLAVE: movilidad espacial, cortadores de caña, narrativas, estado de São Paulo.

INTRODUÇÃO

A mobilidade espacial de trabalhadores agrícolas é constituinte fundamental do mercado de trabalho do Complexo Agroindustrial (CAI) canavieiro no Brasil (Alves, 2007; Moraes *et al.*, 2009). O estado de São Paulo, principal área produtora, se destaca também no âmbito dessa mobilidade. Trabalhadores originários de algumas das regiões mais pobres do país, como o interior nordestino e o Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais se destinam às regiões produtoras, respondendo à demanda por trabalhadores pouco qualificados nessa atividade (Silva, 1999; Szmrecsányi *et al.*, 2008).

A relevância desta mobilidade tem três dimensões essenciais: a articulação com a expansão das atividades do CAI canavieiro na primeira década de 2000; a importância no contexto da força de trabalho agrícola no país (Balsadi, 2010); e, as tendências de extinção de postos de trabalho nos próximos anos (Ramos, 2007; Alves, 2009).

A primeira década de 2000 foi marcada por um novo momento expansivo das atividades do CAI canavieiro, em decorrência do crescimento do mercado internacional para o açúcar e o etanol, assim como do aumento da demanda interna por este combustível, em função da introdução dos veículos *flex-fuel* (Szmrecsányi *et al.*, 2008). A expansão das atividades se expressa através do aumento dos investimentos, da ampliação da área produtora, do crescimento da estrutura produtiva, assim como através do tamanho da população ocupada em suas atividades. Em função da importância da mão de obra migrante nesse contexto (Silva, 1999; Alves, 2007), se reitera a relevância da temática.

As atividades vinculadas à produção de cana-de-açúcar concentram a maioria dos assalariados agrícolas no país (Balsadi, 2010) e mais ainda no estado de São Paulo, onde compõem também a maioria dos trabalhadores agrícolas em geral (incluindo os não assalariados). Tal característica também se relaciona aos deslocamentos de trabalhadores, já que a produção canavieira registra uma demanda de mão de obra mais ampla do que outras culturas (Szmrecsányi *et al.*, 2008; Balsadi, 2010).

A terceira dimensão está relacionada à mecanização das atividades agrícolas, que embora no horizonte desde as greves de 1984 e 1985 (Silva, 1999), levou à extinção de

postos de trabalho ligados ao corte manual de maneira significativa na última década (Ramos, 2007; Silva, 2010; Alves, 2009). Constituinto uma das escassas opções em termos de emprego para uma mão de obra com baixa qualificação, como é o caso dos migrantes que se engajam nessa atividade, a redução dos postos de trabalho no corte da cana-de-açúcar tem impactos relevantes sobre as trajetórias dessas pessoas (Alves, 2009; Novaes, 2009)

A partir destas dimensões, a abordagem da mobilidade espacial dos cortadores de cana tem significados quanto à realidade dos trabalhadores de pouca qualificação no Brasil. Estes deslocamentos estão relacionados às desigualdades regionais marcadas por distinções quanto à inserção à divisão do trabalho em múltiplas escalas espaciais, sendo assim relevante também em termos da reflexão mais ampla a respeito das causas e consequências dos movimentos populacionais.

Há que se destacar que esta não é uma forma nova de deslocamento (Silva, 1999 e 2010; Alves, 2007), mas sim uma reiteração que ganha novos contornos em decorrência das características recentes da economia e da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, a extinção dos postos de trabalho ocupados por essas pessoas se coloca como um desafio, em termos das suas perspectivas. Nesse sentido, a compreensão das características e tendências dessa forma de mobilidade espacial nos primeiros anos do século XXI constitui o objetivo deste artigo.

Considera-se que a divisão espacial do trabalho explica a mobilidade dos cortadores de cana, já que as regiões de origem e destino são enquadradas distintamente em escala nacional, o que fundamenta as causas, consequências e tendências a partir do aporte teórico proposto. Como aponta Singer (1987), as desigualdades regionais são o “motor” das migrações, o que é corroborado por autores como Hobsbawn (1977), Massey (1984) e Harvey (1990). Tanto em nível dos constrangimentos estruturais, quanto em termos das ações individuais em resposta a estes (Massey *et al.*, 1993), a mobilidade se expressa nas relações entre demanda por trabalhadores e a oferta de mão de obra, vinculadas às articulações entre processos sociais, econômicos e políticos que ocorrem em diversas escalas. O estado de São Paulo constitui laboratório essencial para a compreensão de processos e dinâmicas vinculadas ao CAI canavieiro, já que é a principal área produtora no país e por isso mesmo concentra grande parte do emprego. Duas regiões deste estado são relevantes na presente análise: Ribeirão Preto e Presidente Prudente. A primeira concentra diversas atividades do setor, sendo o centro dinâmico da economia canavieira desde a implantação do PROALCOOL em meados da década de 1970 (Elias, 1997), constituindo

uma área de aprofundamento ou reiteração das características. A segunda é área de expansão recente do CAI canavieiro, com a substituição de outras atividades no decorrer da primeira década de 2000 (Thomaz Jr., 2007).

Para a elaboração dessa análise, voltada à abordagem das trajetórias migratórias dos canavieiros, as narrativas dos mesmos foram fundamentais ao permitir reconstituir causas, motivações e desdobramentos. O relato do que se entende como essencial para a compreensão dessa modalidade migratória se inicia por considerações referentes às opções metodológicas e sua aplicação; segue pelas dimensões da mobilidade espacial dos canavieiros, tendo a teoria migratória como referência e construída em diálogo com esta e os estudos sobre a temática no Brasil; e, é encerrada pela abordagem dos significados dessa análise em relação à produção acadêmica sobre a modalidade, mas fundamentalmente no contexto social e econômico brasileiro.

METODOLOGIA: PESQUISA DE CAMPO

A conexão entre as dimensões macro e micro da mobilidade espacial dos cortadores de cana se expressa em suas trajetórias e experiências. Antecedentes da mobilidade em termos da realidade dos lugares de origem, os arranjos e estratégias envolvidas nos deslocamentos e os desdobramentos em função daquilo que se observa no presente compõem as expressões fundamentais desta conexão. Sua compreensão envolve a interpretação das narrativas sobre as experiências de mobilidade espacial.

No sentido proposto por Weiss (1995, p. 1, tradução nossa): “Entrevistar nos dá acesso às observações de outros. Através das entrevistas podemos aprender sobre lugares onde não estivemos e não podemos ir e sobre contextos em que não vivemos.”, é que foram efetuadas as entrevistas para captação das narrativas. Há muitos trabalhos que se utilizam das narrativas dos migrantes para a compreensão de diferentes tipos de mobilidade espacial. Durham (1973) as utiliza para a abordagem da migração rural urbana, já Silva (1999), Novaes (2007) e Menezes e Saturnino (2007) são exemplos relevantes de trabalhos que as utilizam para a compreensão de aspectos da mobilidade de trabalhadores para o corte da cana em São Paulo.

As entrevistas realizadas foram do tipo semi estruturado com questões que nortearam as narrativas dos trabalhadores migrantes a respeito das suas experiências. A partir das questões baseadas em aportes teóricos dos estudos migratórios foi estabelecido um roteiro para as entrevistas com os trabalhadores migrantes considerando os seguintes

aspectos da mobilidade espacial: características da origem, arranjos para o engajamento no movimento, motivações, redes e contatos, além de intenções e perspectivas para o futuro.

A estruturação da reflexão sobre a mobilidade espacial dos cortadores envolveu a realização de outro tipo de entrevista. Este se refere a representantes de órgãos administrativos municipais e estaduais, sindicatos e pastorais, considerados como informantes-chave devido ao seu trabalho direto com questões relativas ao CAI canavieiro das regiões, aos respectivos mercados de trabalho, assim com os próprios trabalhadores migrantes. O roteiro incluiu questões relativas à dinâmica expansiva recente do CAI canavieiro nas respectivas regiões, o mercado de trabalho relacionado, as articulações com a mobilidade espacial de trabalhadores agrícolas e as tendências para o futuro.

As entrevistas na região de Ribeirão Preto foram realizadas nos meses de junho e julho de 2011, no município de Guariba. O contato com os trabalhadores migrantes foi propiciado por agentes da Pastoral e seis entrevistas foram realizadas nas casas dos mesmos, situadas em bairros periféricos da cidade. Em julho de 2011 foram realizadas as entrevistas na região de Presidente Prudente em vários municípios, porém concentradas em Presidente Venceslau, sede do sindicato de trabalhadores rurais mais atuante na região. Neste município foram entrevistados quatro trabalhadores migrantes com o apoio de membros do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) da UNESP/Presidente Prudente, e principalmente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Venceslau e Marabá Paulista. Os trabalhadores foram entrevistados em hotéis situados na região central da cidade², nos quais os migrantes estavam residindo durante o período de safra na região. Três deles foram entrevistados logo ao chegar das fazendas ainda cobertos com a fuligem da cana queimada, enquanto o outro estava de licença por conta de um machucado no pé.

A partir das informações obtidas com as entrevistas são destacadas, as quatro dimensões consideradas fundamentais para a compreensão da mobilidade espacial dos cortadores de cana no período recente. Para a análise destas dimensões utiliza-se material bibliográfico a respeito de dimensões teóricas das migrações, além de diversos trabalhos sobre a mobilidade espacial dos cortadores de cana e a migração rural urbana. Também no sentido de destacar as dimensões da mobilidade dos cortadores de cana, são utilizadas informações de duas pesquisas do IBGE que tratam de questões vinculadas à produção

² Segundo os sindicalistas locais, a hospedagem dos migrantes nos hotéis se deve às multas que a usina levou por conta das más condições de um barracão na periferia da cidade onde os trabalhadores foram hospedados em safras anteriores. Apesar das melhores condições, a hospedagem em hotéis implicou na redução do valor pago aos trabalhadores.

agrícola: os Censos Agropecuários de 1995 e 2006; e, o registro da Produção Agrícola Municipal, fornecido anualmente pelas Prefeituras. Indicadores constituídos a partir dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 também permitem avaliar dimensões relevantes. As informações essenciais são aquelas das entrevistas dos trabalhadores migrantes. As outras informações são utilizadas de maneira articulada as primeiras com o intuito de ressaltar determinadas questões a respeito das características e dinâmicas recentes. Antes do registro das dimensões da mobilidade espacial aqui abordada, cabe destacar uma última questão metodológica. Obviamente as narrativas obtidas através das entrevistas não são tomadas como estatisticamente representativas dos migrantes cortadores de cana em São Paulo. Baseado em metodologia de amostragem bola de neve (Nicolaci-da-Costa, 2007), considerou-se dez entrevistas como suficientes, tanto em função da saturação em termos das características destacadas, quanto do volume de informações com as quais teríamos que lidar para o desenvolvimento da análise.

Weiss (1995) trata das possibilidades de generalização a partir de dados de entrevistas com amostras de conveniência, ressaltando que as pessoas em geral vinculam suas experiências com pessoas do mesmo grupo social e que processos e restrições que os afetam são compartilhados. Além disto, destaca que não há razão para apontar que as questões teóricas que estruturam as dimensões analisadas e sua interpretação permitem destacar exclusivamente as características dos entrevistados. Com base nessas considerações de Weiss é que as narrativas dos canavieiros são interpretadas

DIMENSÕES DA MOBILIDADE ESPACIAL DOS CORTADORES DE CANA

Origens

As características das origens são fundamentais para a compreensão da mobilidade espacial. A partir de Singer (1987) se destaca que as origens têm caráter essencial com relação às causas e determinantes estruturais que condicionam a ação ou o comportamento dos indivíduos. As condições das áreas de origem implicam em dificuldades para ampliar recursos domiciliares ou individuais ou até mesmo a própria sobrevivência. Migrar se coloca como uma resposta a estes problemas.

Para destacar as características das origens, cabe inicialmente localizá-las, a Figura 1 registra estas informações. Os municípios de origem dos entrevistados em Guariba destacam: três originários de Timbiras – MA, dois de Piritiba – BA e um de

Teresina – PI. Em Presidente Venceslau os quatro entrevistados são de Minas Gerais: dois de Capelinha, um de Minas Novas e outro de Espinosa.

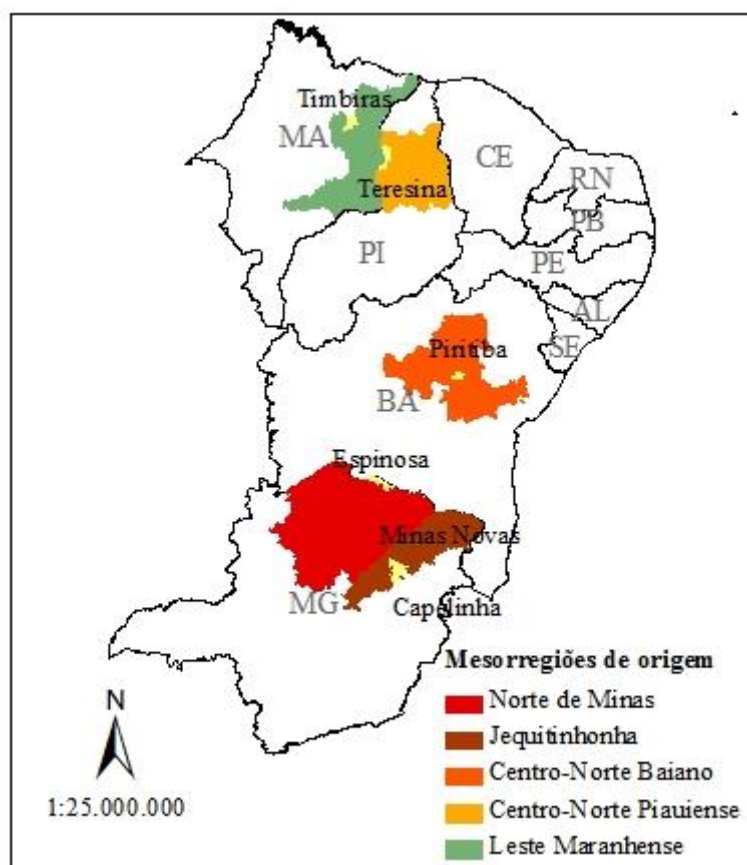


Figura 1: Origens dos Migrantes Entrevistados

Fonte: Trabalho de Campo (2011) – Elaboração própria

O caráter regional das origens da mobilidade está expresso em Singer (1987), quando o autor define as desigualdades regionais como o motor das migrações. As condições de difícil ampliação de recursos, concentração da propriedade fundiária, inserção problemática a divisões do trabalho envolve conjuntos de municípios. Autores como Silva (1999), Alves (2007), Novaes (2007), e Menezes e Saturnino (2007) destacam esse caráter regional das áreas de origem dos cortadores de cana em São Paulo.

Por outro lado, em relação aos destinos é possível verificar seu caráter regional através da territorialização do CAI canavieiro e de sua constituição histórica. Elias (1997), Alves (2002), Silva (2007 e 2010), entre outros, tratam do aspecto do complexo na região de Ribeirão Preto, enquanto Thomaz Jr. (2007 e 2009) e Oliveira (2009) o fazem para a região de Presidente Prudente.

Os significados das características das origens no contexto da mobilidade espacial dos canavieiros são registrados a partir das suas falas, que permitem a reconstituição de diversas questões essenciais, registradas a seguir:

No que as pessoas trabalham por lá (*na origem*)?³

Lá eles trabalham na lutiha deles lá mesmo, lavrador, toca uma criaçãozinha, toca uma ou outra lutiha, troca umas coisas uns com os outros.

(João⁴, 25 anos, maranhense de Timbiras).

Por que você começou a vir (*cortar cana na região de Ribeirão Preto*)?

Porque pelo menos aqui dá ganhar uns trocadinhos meio a mais dá pra ganhar, porque lá pra onde a gente mora é bem difícil, dá pra passar, mas é um pouco bem difícil, na Bahia da gente lá é mais difícil das pessoas conseguir as coisas.

(...)

Como era a vida no teu lugar de origem?

Lá na Bahia era bem difícil, negócio de trabalho lá era bem pouco, era bem difícil lá, mas se acolá num arranja trabalho, dá pra arrancar aqui.

(Gustavo, 25 anos, baiano de Piritiba).

Onde você mora lá (*na origem*)?

Eu moro numa comunidade que pertence a Minas Novas, comunidade chamada Devotos, uma comunidade assim de umas 120 famílias mais ou menos, aí eu sou de lá, só que o município pertence a Minas Novas, que fica a uns 40 quilômetros de onde nós mora.

(Juliano, 21 anos, mineiro de Minas Novas).

As três falas registradas destacam características essenciais das áreas de origem dos cortadores de cana. Verifica-se que os migrantes são oriundos de comunidades rurais: marcadas pela predominância de atividades agrícolas familiares em pequenas propriedades, baseada na subsistência e na troca de alguns produtos na vizinhança; com escassas ou mesmo nenhuma possibilidade de trabalho em outras atividades; e, situadas em lugares de difícil acesso, mesmo para as pequenas cidades das regiões. Essas dimensões ressaltam uma inserção complexa à divisão do trabalho em escala nacional, já que não há atividades econômicas com maior capitalização, o que dificulta o acesso a bens e serviços, além de não permitir novos e outros investimentos nas atividades agrícolas.

Um indicador importante para destacar a inserção problemática a divisões do trabalho em múltiplas escalas espaciais (regional, estadual e nacional), é o grau de urbanização (Quadro 1). No Censo Demográfico de 2010, o percentual de população urbana registrado para o país foi de 84,4%, para as regiões Nordeste e Sudeste: 73,1 e 93%

³ As perguntas são registradas em estilo normal com referências ao que foi dito indiretamente em itálico. As respostas dos trabalhadores migrantes são destacadas em itálico.

⁴ Como de praxe, não se utiliza o nome verdadeiro dos trabalhadores nas referências aos mesmos ao longo do texto.

respectivamente e para os estados de origem dos migrantes acima destacados: Maranhão (63,1%), Bahia (72,1%) e Minas Gerais (85,3%)⁵. A tabela abaixo registra informações sobre os municípios.

Quadro 1: Grau de urbanização e população total, municípios de origem⁶, 2010

Municípios	Grau de urbanização - %	População Total
Capelinha – MG	71,1	34.803
Espinosa – MG	57,9	31.113
Minas Novas – MG	40,9	30.794
Piritiba – BA	67,7	22.399
Timbiras – MA	62,4	27.997

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 2010.

Verificam-se em todos os municípios baixos graus de urbanização, ainda que muito distintos entre si. Mesmo o maior valor é inferior à média do seu estado e do país. Todos eles se caracterizam por serem inferiores às médias nacional, regionais e estaduais, o que indica limitações em termos de um desenvolvimento urbano que possibilitasse a ampliação do mercado de trabalho.

Nessas localidades com significativo percentual de população rural, as características da estrutura fundiária registradas no Quadro 2, expressam dimensões relevantes quanto ao seu caráter de origem de dinâmicas de mobilidade espacial, o que pode ser verificado nos trabalhos de Durham (1973) e Singer (1987) num sentido mais amplo e naqueles de Silva (1999), Alves (2007), Carneiro *et al.* (2007) e Menezes e Saturnino (2007) em relação aos trabalhadores do corte da cana em São Paulo.

Predominam as propriedades com menos de cinco hectares, porém a área ocupada por estas é bastante restrita. Verifica-se que as propriedades de mais de 500 hectares concentram grandes porções da área agrícola dos municípios, com grande destaque para o município de Minas Novas. A última dimensão relevante dessas informações está no número de produtores sem área no município de Timbiras (MA), indicando pessoas que trabalham em atividades rurais sem possuir um estabelecimento agropecuário, característica destacada no trabalho de Carneiro *et al.* (2007).

⁵ Ver tabela 202 – SIDRA – IBGE – www.sidra.ibge.gov.br – Acesso em 1 de dezembro de 2011.

⁶ Apesar de um dos migrantes ter destacado Teresina – PI, ele próprio fez esse destaque de uma maneira genérica, apontando sua residência no entorno à capital piauiense ainda que sem maiores especificações apesar da solicitação de maiores detalhes. Por isto, optou-se não considerar as características desse município nessa análise.

Quadro 2: Distribuição relativa do número de estabelecimentos agropecuários e área correspondente em Hectares (Ha), municípios de origem, 2006

Área em Hectares	Capelinha (MG)		Espinosa (MG)		Minas Novas (MG)		Timbiras (MA)		Piritiba (BA)	
	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área
Até 5	33,53	2,1	45,5	3,21	57,3	4,8	59,4	3,4	39,0	1,72
5 a 10	19,07	3,1	14,1	3,4	16,1	4,7	0,5	0,2	13,5	2,6
10 a 50	32,86	17,5	28,3	22,7	18,1	15,5	3,4	4,0	29,3	17,0
50 a 100	5,64	9,5	6,1	14,7	1,8	4,6	3,2	10,7	6,7	11,5
100 a 500	6,01	28,7	4,2	28,5	0,8	6,6	3,8	37,3	6,8	37,0
500 a 1000	0,59	9,2	0,3	5,9	0,1	3,1	0,5	16,8	1,4	24,0
Mais de 1000	0,14	29,9	0,3	21,7	0,2	60,7	0,3	27,7	0,2	6,2
Produtor sem área	2,15	0,0	1,3	0,0	5,7	0,0	28,8	0,0	3,1	0,0
Totais	1.348	54.609	3.267	87.627	3.321	78.066	2.797	54.455	1.859	74.366

Fonte: FIBGE. Censo Agropecuário 2006

A compreensão dessas características em sua relação com as dinâmicas da mobilidade espacial de trabalhadores passa pela necessidade de incorporar os fatores de expulsão destacados por Singer (1987). Os primeiros são os fatores de mudança, vinculados a penetração de relações capitalistas no campo, tendo como um dos efeitos a concentração de terras. Os outros são os de estagnação, apontados pelo autor como área com importância dos minifúndios de baixa produtividade e focados na produção agrícola familiar, marcados por uma pressão demográfica, decorrente de uma fecundidade elevada à época (anos 1960 e 1970), em que a emigração aparecia como necessidade. Este fator é reinterpretado através da pouca articulação das áreas de origem a circuitos produtivos de maior rentabilidade, consequência de uma inserção problemática à divisão espacial do trabalho em múltiplas escalas.

Abordar as áreas dos migrantes entrevistados a partir de apenas um dos fatores de expulsão é problemático em função do dinamismo dos processos que impelem a mobilidade espacial. As características dos três municípios mineiros (Capelinha, Espinosa e Minas Novas) se articulam às transformações ocorridas na região do Jequitinhonha muito bem analisadas por Silva (1999). As melhores áreas foram ocupadas nas décadas de 1960 e 1970 por áreas de reflorestamento destinado ao fornecimento para as siderúrgicas do estado, implicando na expropriação e expulsão de muitos trabalhadores agrícolas. As

características do Jequitinhonha se articularam a processos de mudança há algumas décadas atrás, porém na atualidade se destacam fatores de estagnação.

Piritiba (BA) se enquadra como uma área de estagnação já que se verifica uma importante concentração dos estabelecimentos nas classes de menor área e se destacam em termos da área colhida em 2010 produtos vinculados à produção familiar e/ou com pouca rentabilidade. Entre as lavouras temporárias se destacaram: feijão – 35,7%, mandioca, 26,8% e milho com 26,8% dos 2.800 hectares colhidos em 2010 de acordo com as informações da Produção Agrícola Municipal⁷. Esta mesma fonte registra informações sobre as lavouras permanentes, nas quais o sisal registrou 62% e a banana 23,9% dos 335 hectares colhidos em 2010⁸.

As características do município de Timbiras (MA) indicam uma mescla de situações em termos das causas, registradas anteriormente por Carneiro *et al.* (2007). Estes autores e a fala de João destacada acima apontam para fatores de estagnação. Porém, Carneiro *et al.* (*op. cit.*) também se referem a mudanças na propriedade das terras, com importante concentração, o que se articula ao grande número de produtores sem área, registrado no Quadro 2. A expressividade desses últimos indica um grande número de trabalhadores agrícolas com dificuldades para obter trabalho no município, questão que se destaca na fala abaixo:

Você começou a vir por quê? Como estava a situação lá em Timbiras?
A situação lá é meia ruim, assim porque para botar roça também, porque as vezes nós no Maranhão trabalha com arroz, milho, feijão, essas coisa assim, mandioca, mas aí a maioria é fazenda e aí o espaço ficou curto para quem trabalha de roça (...)
(Luís, 34 anos, maranhense de Timbiras).

Esta fala expressa a dificuldade de conseguir trabalho na região em virtude da mudança na estrutura fundiária. A concentração das terras tem ampliado as dificuldades daqueles que não tem acesso direto às mesmas e vinham trabalhando como parceiros ou arrendatários. A expansão de cultivos de alto valor comercial também expressa fatores de mudança nas áreas de origem, ao implicar na concentração fundiária. Apesar de nenhum dos migrantes entrevistados ter se referido a questões como esta, o padre coordenador da Pastoral dos Migrantes destacou distinções entre os municípios maranhenses de origem da maioria dos trabalhadores migrantes que se destinam a Guariba, já que enquanto Timbiras,

⁷ Disponível em www.sidra.ibge.gov.br – tabela 1612 – acesso em 1 de dezembro de 2011.

⁸ Disponível em www.sidra.ibge.gov.br – tabela 1613 – acesso em 1 de dezembro de 2011.

Codó e Bacabal (MA) se assemelham quanto à predominância de uma agricultura de subsistência com baixa produtividade, Chapadinha (MA) é área de expansão da soja.

Uma característica essencial das origens é o fato de serem regiões caracterizadas pela emigração temporária de pessoas em busca de trabalho em outras regiões do país. As falas abaixo destacam tal questão:

Você conhece pessoas de Timbiras (MA) que migram para trabalhar em outros lugares?

(...) tem muitos amigos que trabalha fora, e aqui mesmo tem muitos amigos de Codó, de Coroatá, de Timbiras mesmo, tem muita gente aqui de Timbiras (...) às vezes tem pessoas que é difícil encontrar lá, a gente encontra no meio da rua aqui (...)
(Luís, 34 anos, maranhense de Timbiras)

O pessoal dessa comunidade onde você vive trabalha no que?

A maioria é no corte de cana.

Corte de cana aqui?

A maior parte é no estado de São Paulo e Mato Grosso, Paraná, Bahia, mas estado de São Paulo principalmente

(...)

A maior parte do pessoal lá (*na origem*) está migrando?

A maior parte, numa época dessa aqui se você chega lá precisando de dez homens para um serviço, de 20 a 30 anos, você não acha, pai de família, solteiro, tudo quanto é forma procura ganhar a vida fora (...)

(Gustavo, 21 anos, mineiro de Minas Novas)

Regiões tradicionais de mobilidade espacial para o trabalho no corte da cana em São Paulo como o Jequitinhonha abordado por Silva (1999) ou com um caráter mais recente como o Maranhão (Alves, 2007, Carneiro *et al.*, 2007) expressam o dinamismo temporal e espacial deste processo. Áreas que passam por transformações sociais, econômicas, culturais múltiplas ao longo do tempo constituem uma fonte fundamental de mão de obra barata para o CAI canavieiro e os determinantes das mudanças quanto à composição dos trabalhadores migrantes predominantes em cada lugar de destino são destacados por Silva (2010):

A explicação que pode ser dada para a mudança da cartografia migratória⁹ reside no fato de que houve uma enorme intensificação do ritmo do trabalho, traduzida em termos da média de cana cortada, em torno de dez toneladas diárias. Esse fato está diretamente relacionado à capacidade física, portanto à idade, na medida em que, acima dos 30 anos de idade, os trabalhadores encontram mais dificuldades de serem empregados. Dessa sorte, a vinda desses outros migrantes cumpre a

⁹ A autora se refere ao aparecimento de novos estados como origens dos migrantes cortadores de cana em São Paulo. Anteriormente predominavam Minas Gerais, Bahia e Paraná, que mantiveram sua importância, porém outros também passaram a se destacar a partir dos anos 1990: Maranhão, Alagoas, Ceará, Piauí.

função de repor, por meio do fornecimento de maior força de trabalho, o consumo exigido pelos capitais cuja composição orgânica é maior (Silva, 2010, p. 31).

A demanda por uma mão de obra altamente produtiva implica na necessidade de sempre incorporar novos trabalhadores e uma fonte importante está em novas origens de migrantes. Nas regiões incorporadas a essa mobilidade espacial se encontra mão de obra excedente em função de determinantes estruturais, que se expressam através da limitação dos mercados de trabalho rural e urbano, da concentração fundiária ou pela expansão de culturas agrícolas de caráter comercial que empregam poucas pessoas.

Os pressupostos de uma teoria migratória baseada na teoria do Sistema Mundo, estruturados por Massey *et al.* (1993), são fundamentais para a compreensão das características ressaltadas: penetração de relações capitalistas que alteram formas prévias de relações sociais e econômicas; mudanças na estrutura agrária nos lugares de origem que contribuem para a criação de uma força de trabalho móvel; a articulação de um território a partir das relações entre regiões com diferentes inserções a divisões do trabalho, implicando em que os mesmos processos que criam migrantes em regiões periféricas (caso do interior nordestino e da região do Jequitinhonha) simultaneamente os atraem para as regiões mais desenvolvidas (São Paulo), que concentra boa parte das atividades econômicas mais capitalizadas do país, inclusive as agrícolas.

Os determinantes estruturais da mobilidade espacial de cortadores de cana são fundamentados nas características das regiões de origem. Estas, destacadas nas falas dos trabalhadores, expressam os pressupostos teóricos acima registrados, revelando as múltiplas articulações entre distintos processos mediante as transformações dinâmicas da divisão espacial do trabalho.

O processo de expansão espacial das relações capitalistas, tanto econômicas quanto sociais, se expressa através da sua contínua penetração em novas regiões. Áreas incorporadas nas relações produtivas ou que se inserem apenas constituindo mercado para produtos das regiões mais desenvolvidas, nas quais é gerada uma mão de obra excedente. A demanda por esses trabalhadores em atividades que demandam a constante renovação da força de trabalho em busca de mais produtividade, gera o dinamismo da cartografia migratória dos cortadores de cana, em que sempre são incorporadas novas áreas periféricas ao capitalismo nacional como fontes de mão de obra.

A partir das características das origens que estruturam a mobilidade espacial, cabe compreender como os indivíduos e as famílias atuam frente às dificuldades inerentes a

vida nessas regiões. Compreendendo a mobilidade para o corte da cana em São Paulo como uma das possíveis estratégias, cabe verificar como as motivações para o deslocamento se articulam às causas na constituição das trajetórias.

Motivações

As motivações para o engajamento na mobilidade espacial aparecem como respostas aos constrangimentos impostos pelas causas estruturais presentes nas origens (baseado em Singer, 1987). Como se verificou anteriormente, as causas nas origens são diversificadas apesar das suas consequências tornarem as regiões afetadas semelhantes. As motivações também são variadas, não se limitando apenas à falta de oportunidades de trabalho como apontam Moraes *et al.* (2009), baseados em premissas neoclássicas, principalmente no trabalho de Harris e Todaro (1970).

O que interessa no contexto da análise das motivações dos cortadores de cana é o destaque à amplitude dos motivos, que incluem as falhas de mercados distintos daquele de trabalho. Esta questão é sintetizada na análise de Massey *et al.* (1993) enquanto dificuldade para o desenvolvimento da produção agrícola em função dos escassos recursos financeiros e técnicos, além do pouco acesso a mercados mais amplos. Outro ponto fundamental é a mobilidade espacial enquanto uma estratégia para a ampliação de recursos familiares ou domiciliares, constituindo uma forma de redução dos riscos de atividades pouco produtivas através do estabelecimento de outras fontes de recursos (Katz e Stark, 1986).

As narrativas dos trabalhadores migrantes apontaram três questões fundamentais enquanto motivações para o engajamento no fluxo migratório destinado ao trabalho no corte da cana em São Paulo: dificuldades para conseguir trabalho nas áreas de origem, apoio às atividades agrícolas desenvolvidas também nestas regiões e estratégia para determinados objetivos específicos. Em todas é possível estabelecer conexões com as ideias dos autores da Nova Economia das Migrações.

A fala de Gustavo registrada anteriormente, no contexto da análise sobre as características das origens, indica a falta de oportunidades de empregos como motivação para a mobilidade espacial. Porém, a partir das narrativas de outros trabalhadores é possível destacar dimensões e detalhes da dificuldade de conseguir trabalho ou ainda ocupações mais rendosas.

(Respondendo a respeito das condições de trabalho em Timbiras – MA)
 (...) *Serviço de pedreiro nós também trabalhava lá, eu trabalhava como servente, mas pra isso como o prefeito não é muito bom, as construções lá ele traz pessoas de fora.*
 Fica desempregado quem é da cidade...
É, aí muitos vão trabalhar com pão, vendendo pra ganhar pouquinho, 20 reais por dia e outros vai pra roça nos interior como eu ainda fui ainda (...)
 (Luís, 34 anos, maranhense de Timbiras).

Por que você começou a vir (*cortar cana na região de Ribeirão Preto*)?
Lá na Bahia tem trabalho mas é mais devagar, a diária lá é 18 conto, 20, mais devagar, aqui tem dia que tem dia que faz uma diária de 40 conto, 30, até 50 conto (...).
 (Adailton, 33 anos, baiano de Piritiba).

Por que você começou a vir (*cortar cana na região de Presidente Prudente*)?
Pra inteirar mais um pouco, lá tem trabalho, mas paga pouco.
 No que você trabalhava lá (*na origem*)?
Trabalhava na terra do meu pai, depois trabalhei dois anos puxando aluno...
 Com o que?
Transporte de aluno, mas pagava muito pouco, aí eu comecei a vir.
 (Devanir, 32 anos, mineiro de Capelinha).

As três falas registradas acima ressaltam dimensões das motivações interpretáveis a partir das proposições dos autores da Nova Economia das Migrações. A mobilidade não se relaciona apenas ao desemprego na origem, já que há empregos como destacado nas falas de Luís, Adailton e Devanir, porém com salários baixos ou dificuldades de outras naturezas, como a falta de apoio do poder público. Os baixos ganhos se vinculam à baixa rentabilidade das atividades agrícolas registradas nas falas de Adailton e Devanir, resultado da inserção problemática ao mercado em múltiplas escalas espaciais, caracterizada pela dificuldade de acesso a melhorias técnicas, a crédito e outros, questão apontada por Stark e Bloom (1985). A ausência de atividades urbanas mais desenvolvidas implica na pouca disponibilidade de trabalho, assim como nos baixos rendimentos dessas atividades quando existentes e acessíveis, questões destacadas respectivamente nas falas de Luís e Devanir.

Durham (1973) analisando as narrativas dos trabalhadores rurais que emigraram para a capital paulista na década de 1960 aponta que: “(...) a imigração não decorre, em geral, de uma situação anormal de fome ou miséria, desencadeada por calamidades naturais. Ao contrário, a emigração aparece como resposta a condições normais de existência. (p. 113)”. A mobilidade espacial para o trabalho no corte aparece na fala dos trabalhadores também como resposta a condições normais de existência, podendo assim ser articulada às ideias de Katz e Stark (1986), que destacam a migração como uma

estratégia para a redução dos riscos associados a atividades produtivas de baixa rentabilidade, caso da produção agrícola nas áreas de origem dos migrantes.

Entre os dez trabalhadores migrantes entrevistados, cinco afirmaram possuir terras ou que suas famílias as possuíam. Tal fato corrobora o que VanWey (2003) registra com relação à migração originada na província de Nang Rong na Tailândia, em que a propriedade de terras aparece como determinante da mobilidade espacial com caráter temporário, em que esta aparece como uma estratégia de diversificação de fontes de renda. Vincula-se a estas considerações o que Novaes (2007, p. 111) registra: “O trabalho no eito da cana pode representar um complemento viabilizador da pequena produção agrícola ou uma estratégia para viabilizar outras ocupações rurais ou urbanas”. As falas registradas abaixo destacam estas questões:

Por que você começou a vir (*cortar cana na região de Presidente Prudente*)?

Vim ganhar dinheiro né...

Como é a situação de trabalho lá (*na origem*)?

Não tem muito não e quando tem paga pouco.

(...)

Onde você vive lá (*na origem*)?

No sítio.

Com quem?

Com meu pai e minha mãe.

Você ajuda eles com o que ganha cortando cana?

A gente tem sempre que ajudar os pais né...

(Jânio, 25 anos, mineiro de Espinosa).

O que você pretende fazer quando não tiver mais trabalho no corte (manual) da cana?

Quero abrir um comércio lá em Timbiras, tô buscando juntar dinheiro pra isso.

(Luís, 34 anos, maranhense de Timbiras).

Por que você começou a vir pra (*cortar cana na região de Presidente Prudente*)?

Eu vim mesmo no interesse de tirar carta, só nessa intenção

(João Paulo, 21 anos, mineiro de Capelinha).

Essas três últimas falas revelam outros aspectos da diversidade das motivações para a mobilidade espacial abordada. Jânio tem uma motivação genérica referente à ampliação de recursos e ao apoio às atividades rurais desenvolvidas na origem, constituindo expressão de estratégias familiares, questão que será melhor abordada a seguir. Esta motivação está relacionada à primeira parte do que aponta Novaes (2007). As falas de Luís e João Paulo expressam a segunda parte, ou seja, o trabalho no corte da cana como estratégia para a viabilização de outras atividades ou ocupações. João Paulo foi bastante enfático quanto à sua motivação: tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), sua

intenção está voltada à obtenção de trabalho em outras atividades, para as quais ter a CNH ajudaria muito.

As motivações correspondem à ação individual frente aos constrangimentos impostos pelas causas da mobilidade espacial. Originários de regiões caracterizadas pela falta de ocupações rendosas, dificuldade de acesso à terra, predomínio de uma agricultura com baixa produtividade, mercado de trabalho urbano incipiente, para esses migrantes, em geral com baixa qualificação, o trabalho no corte da cana representa uma resposta às suas demandas. Isto porque constitui possibilidade de aumento da renda baseada no esforço físico, o que valoriza tal atividade, já que quanto mais se corta mais se ganha. Para os empresários representam uma “fonte” bastante ampla de mão de obra, qualificada em função desta valorização do trabalho físico e que pode ser acessada sempre que necessário, como é o momento atual de expansão das atividades do CAI canavieiro. O engajamento nesta mobilidade não envolve apenas dimensões individuais, a consolidação deste projeto requer arranjos mais amplos, especialmente familiares e domiciliares, cabe então destacá-los.

Arranjos familiares e domiciliares

Os teóricos da denominada Nova Economia das Migrações criticaram a abordagem neoclássica tradicional não apenas em termos das motivações, que autores como Harris e Todaro (1970) relacionavam apenas ao desemprego nas áreas de origem. Autores como Stark e Bloom (1985) e Katz e Stark (1986) apontam que a mobilidade espacial tem nas estratégias familiares e domiciliares aspecto fundamental, em termos da decisão, dos arranjos e do suporte ao deslocamento. As estratégias de redução dos riscos relacionados à mobilidade constituem o aspecto essencial do papel das famílias, o que é ressaltado no trabalho de Katz e Stark (*op cit.*).

Os trabalhadores migrantes entrevistados destacaram os arranjos e estratégias familiares como elementos fundamentais em sua mobilidade espacial, tanto como membro do núcleo familiar dos pais, quanto constituindo seu próprio núcleo, vinculado a esposa e filhos. Dentre os entrevistados havia casos tanto de migração familiar, especialmente os entrevistados em Guariba, quanto individual, destacado entre os que foram entrevistados em Presidente Venceslau. Entre os primeiros, após a constituição de um novo domicílio, o deslocamento para o trabalho em São Paulo aparece como estratégia do mesmo, já que envolveu a mudança da esposa e dos filhos ou da maior parte deles. Nos casos de migração

individual, os trabalhadores se vinculam ao núcleo anterior, mais amplo, constituído com pais e irmãos. O único que constitui um novo núcleo com esposa e filhos, mas não migrou junto com eles foi José. As diferentes dimensões das estratégias vinculadas aos domicílios e famílias se expressam nas falas a seguir:

Por que você começou a vir para cá (*cortar cana na região de Ribeirão Preto*)
 (...) *eu vim pra cá e aí eu tenho minha mãe e minha família lá e eu não sei cara, guardar um dinheiro numa conta e ver a família precisando, a criança precisa do material escolar, precisa da alimentação. Minha mãe não tem emprego, meu pai também não tem emprego, foi aí que eu decidi vir, pra que eu vou ficar fazendo despesa lá?*

Você tem filhos?

Não, eu ajudo eles lá (...) Porque no caso lá tem duas crianças¹⁰ que estudam, já me sinto ruim de não ter estudo, me sinto mal e aí eu quero ajudar eles a ter um estudo (...) Quando eles conseguirem o estudo que eles tão atrás, pode ser que eles arranjam um serviço assim, um chega a comprar uma fazenda, já bota eu pra tocar um serviço pra eles...

(João, 25 anos, maranhense de Timbiras).

Eles (*seus familiares*) trabalham na agricultura (*na origem*)?

A mãe tá em casa só, meu pai e o meu irmão tão aqui em Nova Andradina onde eu tava trabalhando ano passado.

Em Mato Grosso do Sul?

Mato Grosso do Sul, Nova Andradina, numa usina chamada Santa Helena¹¹.

(Juliano, 21 anos, mineiro de Minas Novas).

Como você começou a vir pra cá? Quem te indicou?

Tenho uma irmã que mora aqui, aí minha sogra veio pra cá também, que ela tem a irmã que veio mais o esposo dela, que trabalha já há cinco anos aí, também corte de cana, aí ela veio visitar eles aqui¹², eles viram lá como tava a situação lá em Timbiras e falaram com minha irmã que falou que se for preciso eu pago até a passagem dele pra ele vim, aí que foi isso mesmo que ela pagou minha passagem, aí eu vim e aí minha sogra pagou a da filha dela (...) aí nós viemos juntos, com as crianças, três crianças, ficou agora um lá com minha sogra, tá estudando.

(Luís, 34 anos, maranhense de Timbiras).

As três falas registradas destacam a importância das estratégias familiares no contexto dessa mobilidade espacial e a diversidade de situações. Distinguem-se pelo fato de que enquanto a migração de João e Juliano envolve deslocamentos de um ou mais membros do domicílio, mantendo a referência daquele núcleo familiar na origem, a mobilidade de Luís envolveu o deslocamento do núcleo domiciliar constituído com sua esposa e filhos.

¹⁰ Irmãos mais novos.

¹¹ O pai e o irmão também são cortadores de cana.

¹² A sogra de Luís foi para a região visitar a irmã dela e o esposo.

A família de João mantém uma pequena produção agrícola com a participação dos seus pais e irmãos menores durante todo o ano e a mobilidade espacial do mesmo envolve a diversificação de fontes de renda baseada em um só indivíduo. Todo mês João envia uma parte dos seus ganhos a seus familiares.

A estratégia da família de Juliano expressa a utilização a migração para ampliar recursos de maneira mais ampla. Apenas a mãe reside no lugar de origem, mantendo a pequena propriedade agrícola na qual Juliano, seu pai e o irmão, também cortadores de cana, trabalham durante a entressafra. Os recursos obtidos por meio desta estratégia mais ampla são destinados não apenas a complementar e viabilizar a pequena produção agrícola, mas também à aquisição de bens de preço maior, como carros e motos citados por Juliano.

No domicílio de Luís apenas ele trabalha, porém, por haver constituído um núcleo familiar com esposa e filhos, a estratégia domiciliar é distinta daquelas de João e Juliano. Ele e a esposa decidiram que toda a família migraria para São Paulo, para ficar junto dele e para que ela pudesse ter um melhor acompanhamento médico, já que estava grávida (junho de 2011). Constitui-se em torno ao trabalho de Luís toda a vida familiar, já que ele se encarrega de obter recursos para abrir loja em Timbiras, município de origem no Maranhão. Para além desta intenção, há outro indicativo do foco no retorno à origem: o filho mais velho ficou em Timbiras para estudar, morando com a avó.

As distintas estratégias familiares registradas permitem destacar sua importância no contexto da mobilidade espacial de trabalhadores para o corte da cana. Sob diferentes formas e com objetivos e intenções variadas, sua principal qualidade está vinculada à redução dos riscos envolvidos no deslocamento dessas pessoas. Definitivamente essa mobilidade não é individual no sentido da decisão e efetivação, mesmo quando apenas um dos membros dirige-se às regiões produtoras.

O papel das redes

Os contatos entre trabalhadores de mesma origem e com organizadores de turmas que trabalham diretamente para as usinas constituem dimensão fundamental nas narrativas. Tanto a trajetória passada e presente, quanto às tendências para o futuro permitem ressaltar a sua importância. Todos os entrevistados ressaltaram a importância dos contatos no contexto da mobilidade espacial para o trabalho no corte da cana em São Paulo e para abordar seus significados abaixo são registrados alguns exemplos:

Como você chegou até aqui (*em Guariba*)?

Eu vim com um outro colega, que veio de lá pra cá, aí primeiro o cunhado dele veio, aí trabalhou aqui, onde os irmãos dele já estava, daí trouxe ele e ele me trouxe.

(Gustavo, 25 anos, baiano de Piritiba).

Como você começou a vir trabalhar aqui?

Lá do nosso lugar já vem de muito tempo, de geração que o povo sai pra trabalhar e um parente falou comigo pra eu ir com eles lá pra Guararapes aqui no estado de São Paulo em 2009, aí eu peguei e vim, precisava pra trabalhar, aí em 2010 fui trabalhar lá em Nova Andradina e esse ano vim pra cá.

(...)

Quem te contratou pra trabalhar aqui?

O cara faz o contato lá comigo e num dia vai o encarregado daqui da usina lá, já ficha nós lá.

Faz a ficha lá?

É, nós já sai de lá fichado, sabe onde vai trabalhar.

(...)

Você conhece pessoas do teu lugar que trabalham fora também?

Conheço vixe... principalmente os parentes da gente trabalham fora também, tio, primo, várias pessoas, tem pessoal do lugar da gente, que não vem com a gente, mas vai pra outros lugares, uns que vai pro estado do Paraná, aqui no estado de São Paulo deve ter umas quatrocentas pessoas lá da nossa região que a gente conhece (...)

(Juliano, 21 anos, mineiro de Minas Novas).

Como você foi contratado para este trabalho? Como você chegou a ele?

Esse trabalho na Santa Rita? Rapaz, esse trabalho na Santa Rita, eu tava em Goiás no corte de cana, aí lá qual o problema... não me dei bem lá era alojamento, a comida era... eu não combinei com a comida, pra mim não tava bem, aí não dava pra morar, o alojamento era lá pra dentro, no meio do mato, 4 km do alojamento pra cidade (...) aí de lá eu liguei pra cá, pro rapaz pra quem eu trabalhei a primeira vez e aí ele disse: 'rapaz tô fechando uma turminha aqui pra Santa Rita e eu não tenho vaga, mas tem uns colega que tem vaga, se quiser vim pra cá capaz de você arrumar', aí eu vim pra cá e me arrumei (...)

(João, 25 anos, maranhense de Timbiras).

Como você veio trabalhar aqui? Quem te indicou?

Foi um encarregado de uma outra cidade lá de Minas, o encarregado trouxe eu e eu comecei a vir. Primeiro ele indicou, depois eu comecei a vir sozinho.

Você sempre veio sozinho?

Nada, é sempre junto com um encarregado que vem

(...)

Como você foi contratado?

A usina foi lá buscar nós, mandou um ônibus

Fez os exames lá?

Fez os exames médicos tudo direitinho.

(Jânio, 26 anos, mineiro de Espinosa).

Como você começou a vir trabalhar aqui?

Os amigos meus me chamaram, eles chamaram eu pra sair com eles, falaram que aqui era melhor, que dava pra ganhar um dinheiro aqui

(...)

Da tua região, lá de Capelinha, tem muita gente que trabalha em outros lugares?

Tem, muito...

Trabalhando com o quê?

Tem muita gente que trabalha na construção civil em São Paulo mesmo, eu mesmo trabalhei com construção civil em São Paulo uns dois anos
(Devanir, 32 anos, mineiro de Capelinha).

Você conhece gente lá tua região que migra pra outros lugares, pra trabalhar em outras coisas?

Tem muita gente, tem um irmão meu que tá lá em Rondônia trabalhando de servente na construção civil, ele trabalhou em cana aqui também, num to lembrado em qual usina ele trabalhou, ele morou uns dois anos aqui trabalhando em Dumont, aí foi esse ano passado que ele saiu, foi em dezembro (...), quando deu em janeiro ele viajou lá pra Rondônia, tá trabalhando lá (...) e mesmo amigo meu, que fomo nascido tudo numa mesma região, conhecido e crescido junto, já tem família também, tá trabalhando mais ele lá (...)

(Luís, 34 anos, maranhense de Timbiras).

Diversas dimensões expressam o caráter fundamental das redes no contexto da mobilidade espacial dos cortadores de cana. Nas falas acima estão registrados três níveis dessas dimensões: a primeira se refere ao suporte à obtenção de trabalho, ao deslocamento espacial em si e ao estabelecimento no lugar de destino; a segunda envolve a questão das relações assimétricas, marcadas pelas figuras do encarregado e do fiscal; e a última ressalta possíveis perspectivas de ocupações em outras atividades ou lugares.

Massey (1986) refere-se aos contatos entre pessoas de uma mesma origem como parte da organização social da migração. Os diferentes tipos de suporte são essenciais nesse contexto, questão também destacada por Truzzi (2008). Em relação à mobilidade espacial dos cortadores de cana os trabalhos de autores como Carneiro *et al.* (2007) e Menezes e Saturnino (2007) ressaltam aspectos dessa organização.

O apoio à obtenção do trabalho se destaca principalmente nas falas de Juliano, Devanir e Gustavo, baseando-se nos contatos por meio de parentes e amigos. O fato das áreas de origem serem marcadas pela mobilidade espacial também é expressa em termos de sua importância no estabelecimento das redes. O suporte ao deslocamento e ao estabelecimento no lugar de destino por familiares e amigos é registrado nas falas de Juliano e Luís (na sessão anterior). Também se verificou a facilidade para mudar de trabalho e inclusive de região produtora através dos contatos como destacado por João.

As falas de João e Jânio estabelecem a “ponte” com a segunda dimensão das redes: as relações assimétricas. Tanto um, quanto o outro apontaram encarregados da formação de turmas¹³ como os contatos para a obtenção do trabalho, e no caso do

¹³ Grupo de trabalhadores que em conjunto realiza as atividades determinadas pela usina. São organizados por encarregados que contatam os trabalhadores e tem o trabalho controlado pelos fiscais, mais diretamente vinculados à usina. Em muitas situações os dois papéis são realizados pela mesma pessoa. Sobre o assunto ver Silva (1999) e Menezes e Saturnino (2007).

primeiro, seu caráter essencial no deslocamento dos trabalhadores para as regiões de destino, questão que também aparece no trabalho de Menezes e Saturnino (2007).

A assimetria de poder nas redes de migrantes é abordada por Krissman (2005) em uma relevante crítica à perspectiva das redes migratórias no sentido proposto por Massey (1986). Krissman destaca que este autor concentra muito seu enfoque nas redes de relações entre iguais (pessoas de mesma origem – amigos e/ou parentes), como se não houvesse assimetrias de poder no estabelecimento das mesmas. A fala de Jânio revela essa dimensão ao destacar a importância do encarregado da usina na sua contratação e no seu deslocamento. Mesmo sendo da mesma origem dos trabalhadores, o encarregado exerce poder ao escolher os que serão contratados e ao estimular ou apoiar sua demissão em algumas situações.

Os encarregados ou os antigos “gatos” realizam a intermediação entre os interesses da usina e aqueles dos trabalhadores, constituindo assim parte fundamental da exploração destes últimos (Silva, 1999). Por um lado, constituem as turmas requeridas pelas usinas, por outro são procurados pelos trabalhadores que buscam emprego nessas atividades, constituindo assim seu poder, já que muitas vezes é deles que os trabalhadores dependem para continuar trabalhando em safras posteriores.

Cabe um adendo à distinção que se constituiu entre o encarregado, também conhecido como turmeiro, e o “gato”. O primeiro tem suas atividades expostas nas falas dos migrantes e no trabalho de Menezes e Saturnino (2007), o segundo é profundamente analisado por Silva (1999), que aborda o seu surgimento, assim como a constituição da categoria dos encarregados. Este, realiza o agenciamento dos trabalhadores, cuja contratação se realiza na origem como pode se verificar nas falas de Jânio e Juliano. Conforme destacou o coordenador da Pastoral dos Migrantes, as usinas têm feito os exames médicos e a contratação nas origens visando garantir que os trabalhadores estejam em boas condições físicas, evitando mortes nos canaviais como as que ocorreram em meados da primeira década de 2000 (Silva, 2007), além de responder às pressões do Ministério Público pela formalização dos trabalhadores.

O “gato” atua ou atuava na contratação de trabalhadores de maneira informal, contatando os mesmos e os organizando para trabalhar para as usinas nas áreas produtoras. Segundo o presidente do Sindicato dos Empregados Rurais de Guariba, esta figura deixou de atuar na região, graças à atuação do Ministério Público e do próprio sindicato. O coordenador da Pastoral dos Migrantes corroborou tal informação, mas destacou que os “gatos” permanecem atuando de maneira distinta, agenciando trabalhadores migrantes que

chegam à Guariba sem contrato acertado para o trabalho em outras áreas produtoras. Também de acordo com o referido coordenador, muitos antigos “gatos” se tornaram encarregados.

Alves (2007) aponta o deslocamento de trabalhadores originários do Maranhão e do Piauí como uma estratégia dos empresários do CAI canavieiro para obtenção de uma mão de obra barata e desarticulada politicamente, visando à reposição de trabalhadores de outras origens. A relevância dos empresários nesse contexto se articula a que Krissman (2005) aborda com relação aos migrantes mexicanos no sul dos Estados Unidos: ainda que os trabalhadores organizem o deslocamento e a obtenção de trabalho em suas relações com encarregados, fiscais e agenciadores, não se pode deixar de vincular esta mobilidade às estratégias de reprodução dos complexos agroindustriais, determinadas pelos empresários. Assim, se destaca que a rede envolvida no deslocamento de trabalhadores proveniente de áreas pobres do país para o trabalho no corte da cana em São Paulo se estende da necessidade de trabalho pelos migrantes até a demanda pelos empresários, sendo mediada pelos contatos com agentes intermediários, que executam a efetivação da articulação entre os extremos.

A última dimensão importante relativa à questão das redes aparece principalmente nas falas de Juliano, Devanir e Luís. Além de possibilitar o destaque a relevância da mobilidade espacial entre as pessoas de suas áreas de origem, suas narrativas se relacionam às trajetórias e possíveis desdobramentos das mesmas. O trabalho em outras regiões e atividades, especialmente na construção civil, faz parte das experiências assim como das possíveis estratégias para o futuro. Ter familiares e conterrâneos cortando cana em outras áreas ou trabalhando em outras atividades pode constituir solução quando não for possível continuar trabalhando nos lugares atuais.

O significado desta questão se vincula à extinção de postos de trabalho agrícolas no CAI canavieiro paulista em decorrência da mecanização das atividades de corte (Silva, 2010 e Ramos, 2007). Muitas vezes expressa nas próprias trajetórias individuais, o trabalho migrante em outras regiões produtoras e mesmo em outras atividades reflete as transformações na “cartografia migratória” apontada por Silva (2010), que tem nas redes seu elemento dinâmico no tempo e no espaço, ao concretizar o acesso aos trabalhadores pelo lado dos empresários, e aos postos de trabalho pelos migrantes. Não é à toa que

predominam origens específicas em destinos específicos: maranhenses em Guariba; baianos em Sertãozinho; paraibanos em Pradópolis; mineiros em Presidente Venceslau¹⁴.

As redes estabelecem a conexão entre as dimensões macro e micro da mobilidade espacial (Massey *et al.*, 1993), ao constituir parte fundamental de sua organização a partir do atendimento às demandas geradas a partir das motivações individuais, ao mesmo tempo em que respondem à necessidade de trabalhadores decorrente da expansão de determinadas atividades econômicas. A rede constituída em torno à migração para o trabalho no corte da cana exemplifica essa mediação, articulando empresas, “gatos” – empreiteiros de mão de obra, encarregados de turmas e trabalhadores, além de agentes externos que atuam diretamente nas relações estabelecidas entre as partes, como os representantes do Ministério Público, da Fiscalização do Trabalho, dos Sindicatos, do trabalho pastoral da Igreja Católica, entre outros.

OS SIGNIFICADOS RECENTES DA MOBILIDADE ESPACIAL DOS CORTADORES DE CANA

As dimensões estabelecidas acima permitem definir um quadro da mobilidade espacial dos cortadores de cana. As causas estruturais remontam às origens, marcadas por processos de transformação social, econômica ou cultural ou caracterizadas por uma estagnação econômica, ainda que padrões culturais e de consumo já tenham sido alterados. São as dinâmicas da divisão territorial do trabalho relacionadas ao contínuo movimento expansivo do capital (Brandão, 2007), que incorporam o que há de rentável ou apenas expandem as fronteiras dos mercados consumidores, que alteram ou reiteram características regionais, definindo neste movimento áreas fontes de mão de obra barata.

Estratégia de ampliação ou diversificação dos recursos, meio para fins específicos, transição para outras ocupações, a mobilidade dos cortadores de cana está relacionada a arranjos familiares, tanto em função do deslocamento de apenas de um ou mais membros, quanto do núcleo como um todo, de acordo com o verificado nas entrevistas. Ainda enquanto movimento de jovens interessados em se desvincular do núcleo constituídos pelos pais, como abordado por Menezes e Saturnino (2007) e Novaes (2009), também se vincula às características dos arranjos familiares.

¹⁴ Além do que foi verificado no trabalho de campo, a respeito dos municípios de Guariba e Presidente Venceslau, o padre coordenador da Pastoral dos Migrantes destacou as origens predominantes em Sertãozinho e Pradópolis.

A obtenção de trabalho e os múltiplos suportes necessários ao deslocamento e ao estabelecimento nas regiões produtoras têm nas redes migratórias sua efetivação. Amigos e familiares, fundamentalmente pessoas de mesma origem, compõem o básico destas redes, mas além desses há que se ressaltar aqueles que estabelecem relações assimétricas com os trabalhadores. Enquadram-se os empresários, definidores dessa recorrente estratégia de obtenção de mão de obra, e seus mediadores nas relações com os trabalhadores: encarregados, fiscais, agenciadores e “gatos”.

Os elementos definidores do quadro compõem uma totalidade em movimento, não sendo possível com o dinamismo conexo que a realidade expressa em diversos níveis, separá-los sem o risco de obscurecer questões determinantes. Considera-se que esta mobilidade só pode ser entendida em sua complexidade a partir da articulação entre os níveis macro e micro. A partir desse quadro, cabe questionar quais são os significados recentes dessa mobilidade em diversos níveis: modalidade de movimento espacial; trajetórias individuais e dos grupos sociais envolvidos; desdobramentos; e repercussões em termos da necessidade de ações programáticas em diversos níveis, mas fundamentalmente enquanto contribuição para o debate a respeito da mobilidade espacial em suas diversas expressões.

Em primeiro lugar, cabe definir seu caráter essencial de mobilidade espacial, não podendo ser entendido como migração, sendo esta uma das expressões da mobilidade. Não é migração como destacado por Goza *et al.* (1997), Alves (2007), Menezes e Saturnino (2007) e Moraes *et al.* (2009), pois não envolve apenas uma origem e um destino na trajetória dos grupos sociais envolvidos, assim como não se enquadra na definição proposta por Billsborrow (1998, p.3, tradução nossa): “Para um movimento ser considerado migração, precisa ser através de fronteiras políticas ou administrativas e envolver uma mudança de residência habitual”. A mobilidade dos cortadores de cana ocorre através das fronteiras entre os estados brasileiros, porém não envolve a mudança do lugar de residência.

A definição de circularidade proposta por Zelinsky (1971), permite um melhor enquadramento, principalmente por destacar que mesmo com o deslocamento não há uma intenção declarada de mudança duradoura do lugar de residência. Assim, define-se a mobilidade espacial dos cortadores de cana enquanto uma forma de circularidade, voltada especificamente ao trabalho em uma atividade econômica.

A circularidade em termos das trajetórias individuais pode até envolver uma origem e um destino específico, mas considerando a migração como um processo social

(Singer, 1987), se faz necessário considerar os grupos sociais envolvidos (definidos a partir das origens), que têm múltiplos destinos como destacado nas falas dos trabalhadores. O que efetivamente varia é a “cartografia migratória” no sentido proposto por Silva (2010): origens específicas se destinando a distintas áreas produtoras caracterizando-se pelo dinamismo ao longo do tempo. A dimensão temporal é destacada por Alves (2007), que registra as mudanças dos estados de origem predominantes entre os trabalhadores migrantes do CAI canavieiro paulista a partir da década de 1960, até a primeira década de 2000.

A partir da especificação da mobilidade espacial enquanto uma forma de circularidade, é relevante desconstruir outras concepções sobre a mesma a partir das suas características intrínsecas e das narrativas dos trabalhadores: a sazonalidade, o caráter temporário e a restritiva definição enquanto boias-frias ou volantes. A cultura da cana-de-açúcar apresenta um caráter sazonal em função do seu ciclo de crescimento, em geral o período de corte, para o qual é contratada a maioria dos trabalhadores migrantes, se estende de março/abril a novembro/dezembro, variando regionalmente e de acordo com a possibilidade dos empresários e produtores investirem em variedades que permitem um período de safra mais extenso (Silva, 1999; Szmrecsányi *et al.*, 2008).

Autores como Goza *et al.* (1997), Menezes e Saturnino (2007) exemplificam o uso do caráter sazonal da cultura agrícola para a definição da mobilidade espacial, porém as estratégias temporais dos trabalhadores são bastante variadas. Os trabalhadores entrevistados demonstram esta diversidade, pois enquanto Juliano, Devanir, João Paulo e José destacaram uma vinculação de suas idas e vindas com o período de safra, João e Jânio regressariam às origens após trabalharem duas safras em áreas produtoras do Centro-Sul. Luís, Gustavo e Adailton afirmaram a intenção de trabalhar algumas safras no estado de São Paulo antes de retornarem às regiões de origem e Antônio destacou seu interesse em se estabelecer na região de Ribeirão Preto. O coordenador da Pastoral dos Migrantes apontou que muitos trabalhadores ao final da safra da cana-de-açúcar se deslocam para o trabalho na colheita de outros produtos agrícolas no próprio Sudeste, mas também nas regiões Sul e no Nordeste do país, retornando às origens apenas ao final de ano.

As estratégias de mobilidade espacial dos trabalhadores migrantes também permitem questionar seu caráter temporário, presente em autores como Martins (1988), Moraes *et al.* (2007) e Szmrecsányi *et al.* (2008), já que ao contrário os deslocamentos parecem ser a constante nas experiências e trajetórias. Temporário é o trabalho específico em uma determinada unidade produtora. Caracteriza um tipo de “permanência”, expressa

nas idas e vindas entre origens e destinos, na circulação entre áreas produtoras, entre atividades econômicas e mesmo unidades produtoras situadas nas mesmas regiões (Silva, 1999). Também nesse sentido, se destaca a relevância de pensar a mobilidade dos cortadores de cana enquanto uma modalidade circular. Antes de avançar na exploração das possibilidades de pensá-la desta maneira, é relevante apontar uma última questão: as distinções quanto aos boias-frias.

Mello (1976) e Saint (1980) apontam dimensões semelhantes ao definirem os boias-frias, também conhecidos como volantes, também analisados conceitualmente por Vicente (1999): trabalho rural, residência em periferias urbanas, deslocamento cotidiano aos locais de trabalho por meio de veículos das empresas ou de intermediários, que também os contatam ou até mesmo contratam. São estas as dimensões que permitem a utilização desse conceito em relação às características do trabalho no CAI canavieiro no período atual.

Os trabalhadores migrantes se caracterizam como boias-frias enquanto trabalham no corte da cana, não podendo ser permanentemente caracterizados como no caso dos trabalhadores residentes nas regiões produtoras. Silva (1999) realiza esta distinção entre os residentes nestas regiões – “do lugar” e os migrantes – “de fora”, analisando as interações entre estas categorias e outras divisões existentes entre os trabalhadores agrícolas da região de Ribeirão Preto. Sua abordagem permite caracterizar os residentes nas regiões como os efetivos boias-frias, cuja distinção se amplia em função de suas trajetórias e intenções.

A mudança no lugar de residência habitual é o aspecto mais relevante para a definição das distinções entre os boias-frias e os migrantes do período atual. Estes, não o realizaram e apontam como lugar de residência as origens, lugares com os quais mantêm laços profundos e para os quais tem a intenção de regressar, que se efetiva ao final da safra ou após um período mais longo nos lugares de destino, questões destacadas nas narrativas dos trabalhadores migrantes.

A circularidade espacial desses trabalhadores tem na origem seu elemento fundamental. Ainda que nestas regiões passem menos tempo do que naquelas onde trabalham, a referência em termos do lugar de residência e a intenção de retorno ou de criação de possibilidades de não necessitar mais migrar em busca de trabalho, as definem como o lugar a partir do qual os trabalhadores circulam. Esta circulação envolve não apenas áreas produtoras de cana-de-açúcar, mas também lugares específicos onde trabalham em atividades que exijam baixa qualificação, como as ocupações auxiliares na

construção civil, questão destacada nas falas dos trabalhadores migrantes tanto com relação a si mesmos, como falando de familiares ou outras pessoas de mesma origem.

A necessidade de compreender as migrações como um processo social apontada por Singer (1987), torna relevante destacar que essa circularidade se expressa para os grupos sociais envolvidos, nem sempre nas trajetórias específicas dos indivíduos. A variedade de destinos dos trabalhadores originários no Vale do Jequitinhonha, cuja importância no contexto do mercado de trabalho do CAI canavieiro foi destacada por Silva (1999) e Alves (2007) e cuja presença se destaca em novas áreas produtoras e em outras atividades econômicas, como apontaram as falas dos migrantes assim como a do presidente do Sindicato dos Empregados Rurais de Presidente Venceslau e Marabá Paulista, ressalta o caráter circulatório de sua mobilidade.

As falas dos originários do Maranhão (município de Timbiras), quanto aos conterrâneos trabalhando na cana em outras regiões, assim como na construção civil no Norte e no litoral nordestino também destacam essa circularidade. O padre coordenador da Pastoral dos Migrantes fez referências à circulação entre áreas produtoras, assim como ao fato de que muitos trabalhadores da construção civil em cidades médias do interior paulista, mas também em grandes obras ao redor do país, são ex-cortadores de cana. Para o padre, que tem longo trabalho de acompanhamento das condições de vida dos migrantes cortadores de cana tanto nas áreas de origem, quanto nas de destino, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal constitui uma “trégua” em relação à extinção de postos de trabalho no CAI canavieiro em função da mecanização.

A interpretação da circularidade dos trabalhadores migrantes a partir de suas origens envolve a necessidade de abordar suas dimensões temporais e espaciais. A temporalidade é constituída de múltiplos usos do tempo com relação ao retorno para a origem como já destacado anteriormente. Há situações de um retorno após duas ou mais safras nas áreas produtoras, há intenções de ficar por mais de uma safra nestas regiões e o retorno sempre ao final do período de safra, talvez o único que possa ser definido como sazonal. Nesta diversidade de situações, a circularidade dos cortadores de cana registra um caráter unificador: o retorno, expressando-o diretamente como constitutivo da mobilidade espacial à maneira de Sayad (2000).

A partir do essencial retorno à origem, ainda que muitas vezes apenas intencionado, é possível destacar as dimensões espaciais da circularidade dos cortadores de cana. Tarrius (2000) traz um conceito muito relevante para a compreensão desta mobilidade espacial: os territórios circulatórios. Para o autor, território é:

(...)uma construção consubstancial da constituição e em seguida da visibilidade social de um grupo, de uma comunidade ou de qualquer outra coletividade cujos membros possam empregar um “nós” que os identifique. É condição e expressão de um vínculo social (Tarrow, *op cit.*, p. 54, tradução nossa).

A partir desta definição, o autor expressa a ideia de que: “a noção de território circulatório constata a socialização de espaços segundo lógicas de mobilidade” (p. 55/56, tradução nossa). A figura 2 traz os territórios circulatórios relacionados a mobilidade espacial dos cortadores de cana.

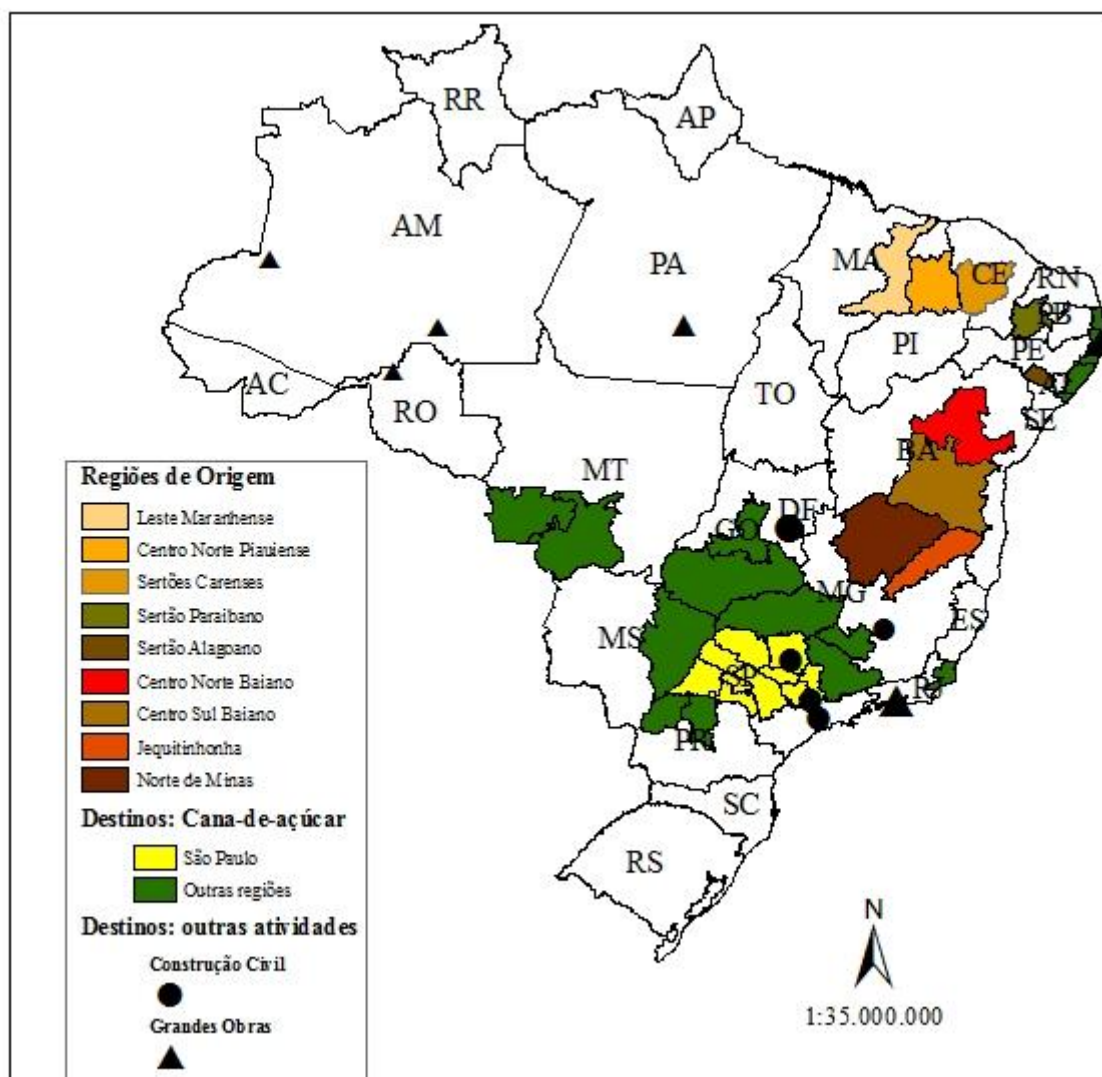


Figura 2: Territórios circulatórios dos cortadores de cana

Fonte: Trabalho de campo (Junho e Julho de 2011); UNICA – www.unica.com.br; Alves (2007); Silva (1999 e 2010); DNIT/UFPR (2011). Elaboração própria.

A concepção de Tarrius (2000) permite ressaltar a espacialidade característica da circularidade dos trabalhadores migrantes do corte da cana, que constitui territórios circulatorios a partir dos grupos sociais definidos com base nas origens. A socialização que conforma territórios, que para outros grupos sociais em geral é baseada em lógicas de estabilização ou assentamento em determinados lugares, entre esses migrantes se constitui a partir do contínuo movimento.

Para as regiões de origem sempre se retorna ou sempre se busca estruturar maneiras de retornar. Nelas é que são encontradas as causas que motivam a utilização da mobilidade enquanto estratégia para ampliação ou diversificação de recursos. A efetivação de estratégias familiares e a utilização de redes de contatos também são estabelecidas a partir das origens. Estas, guardam uma dinâmica relacionada às transformações da cartografia migratória (Silva, 2010), que se vincula às transformações sociais, econômicas, culturais e espaciais ocorridas ao longo do tempo, implicando na variação das origens predominantes desde a década de 1950 até o período recente como registrado por Alves (2007).

Os destinos se dividem entre áreas produtoras de cana e lugares onde são desenvolvidas outras atividades econômicas que demandam mão de obra com baixa qualificação e afeita ao trabalho físico, como a construção civil em diversas cidades ou em grandes obras, como hidrelétricas, complexos petroquímicos, portos, entre outros¹⁵. Esta mão de obra constituída a partir de processos na origem, é demandada nas áreas de destino, tornando-a uma força de trabalho móvel, que conta com o engajamento de novos trabalhadores e é requerida em múltiplas atividades.

Para o trabalho em atividades agrícolas do CAI canavieiro se verifica que a partir de áreas de mobilidade tradicional como o Jequitinhonha se estendem redes que, dada a dinâmica do mercado de trabalho do complexo e das características da demanda por trabalhadores, atingem as áreas produtoras com investimentos mais recentes. As áreas de origem mais recente se vinculam às regiões com maior capitalização, já que nessas há uma recorrente necessidade de aumento da produtividade, o que implica na necessidade de reposição constante de trabalhadores que muitas vezes tem que ser buscados em novas regiões de origem. Ainda que não constituam uma amostra dos trabalhadores migrantes nas

¹⁵ As cidades registradas no mapa dos territórios circulatorios: Ribeirão Preto, Campinas, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília foram destacadas nas entrevistas realizadas em campo, assim como as grandes obras destacadas: Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro em Itaboraí-RJ, Porto de Suape – PE, Hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio em Rondônia, além da constituição de portos e vias de circulação fluvial na região Amazônica (Amazonas e Pará).

regiões de Ribeirão Preto e Presidente Prudente, suas origens demonstram as distinções acima referidas: a primeira, principal área produtora no país, onde há uma reiteração de investimentos, registrou uma diversidade maior do que na outra, região de expansão recente do CAI canavieiro, para onde se destinam trabalhadores provenientes de áreas de origem mais tradicionais, como o Jequitinhonha.

As outras atividades econômicas são registradas em função de constituírem parte fundamental dos territórios circulatórios dos cortadores de cana. As trajetórias tanto dos ex-cortadores, quanto daqueles que trabalham em algumas safras de cana-de-açúcar, depois migram para trabalhar na construção civil e regressam ao CAI canavieiro, possibilitam destacar a sua importância nas atividades da construção civil.

A noção de território circulatório expressa o caráter fundamental das novas espacialidades nessa modalidade de deslocamento. Autores como Baeninger (1999; 2005 e 2008) e Cunha e Baeninger (2007) apontam a relevância do destaque a essa dimensão no contexto dos estudos da mobilidade interna no Brasil. A espacialidade que se efetiva confere especificidade a esse movimento, que assim não pode ser entendido como migração em si ou confundido com outros tipos de deslocamento que vem se desenvolvendo ou reiterando no momento histórico atual.

A constituição de uma força de trabalho móvel, que constitui territórios circulatórios, permite a incorporação das dimensões políticas do paradigma para a compreensão das migrações internas proposto por Brito (2009), ainda que sob outra perspectiva. A mobilidade desses trabalhadores se apresenta como compulsória dadas as condições de vida na origem (Alves, 2007), mas não existem as restrições ao deslocamento, na realidade estas são colocadas em torno a uma efetiva integração à vida social nas regiões de destino. Preconceito, estigmatização, segregação social e espacial (Silva, 1999) se colocam como dimensões fundamentais da mobilidade dessas pessoas.

A circulação a partir das origens em direção a diferentes destinos onde há investimentos em atividades com grande demanda por mão de obra barata reflete as articulações entre circulação do capital e circulação do trabalho (Gaudemar, 1977). Nestas conexões não é possível ressaltar uma efetiva causalidade, pois com base em Massey *et al.* (1993) se destaca que os mesmos processos que geram migrantes nas áreas periféricas em uma divisão inter-regional do trabalho, os atraem para as áreas que comandam essa divisão ou para onde os capitais são investidos em determinadas atividades vinculadas aos centros polarizadores. No caso da cana-de-açúcar, especialmente no estado de São Paulo, sua área mais desenvolvida, os reiterados e novos investimentos implicaram na necessidade de mais

trabalhadores migrantes, que foram “buscados” nas regiões periféricas do país, conectando assim movimentos do capital e do trabalho.

A dinâmica circular dos cortadores de cana tem um caráter de novidade no que diz respeito à expansão dos seus espaços (Baeninger, 1999). Porém, num sentido geral é um processo que expressa há longo tempo, já que muitos autores a vem registrando direta ou indiretamente desde os anos 1970 (Mello, 1976; Martins, 1988; Goza *et al.*, 1988; Silva, 1999; entre outros), numa temporalidade expressa através das predominâncias de cada região de origem, apontada por Alves (2007).

Os processos causais dessa circularidade de trabalhadores são encontrados nas origens, ainda que a demanda por essa mão de obra esteja bastante distribuída espacialmente. Provavelmente sem a necessidade de se mobilizar para o trabalho em outras regiões em função das dificuldades inerentes à vida nas origens, não se constituiria uma força de trabalho móvel e barata, disposta a se engajar para a obtenção de trabalho onde seja possível.

Reforma agrária, constituição e implantação de políticas de apoio e crédito à agricultura familiar, que sejam acessíveis aos trabalhadores aparecem como elementos fundamentais da melhoria das condições nas origens conforme autores como Carneiro *et al.* (2007), Alves (2009) e Oliveira (2009). A grande questão é que como aponta Singer (1987), a desigualdade regional é o motor das migrações e esta é historicamente constituída, tendo caráter fundamental na estruturação da sociedade brasileira e na articulação do território nacional (Singer, *op cit.*; Faria, 1991; Brandão, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação das causas, desdobramentos e consequências da mobilidade espacial dos canavieiros enquanto processo social foi desenvolvida mediante a integração entre a relevante bibliografia brasileira sobre a questão e os aportes teóricos normalmente utilizados para a compreensão da migração internacional. Os conceitos e elementos utilizados demonstram a relevância desta integração, permitindo destacar que a literatura sobre mobilidade espacial em sentido amplo é uma, não sendo necessária a busca por aportes distintos apenas em função de não se tratar de processos internos ao país.

A partir do que aqui foi registrado, é necessário destacar que a mobilidade espacial dos cortadores de cana revela as contradições da realidade social e econômica brasileira na atualidade. A compreensão destas contradições envolve o destaque às

trajetórias e experiências daqueles que se engajam nesses movimentos com os mais diversos objetivos, respondendo a demandas por trabalhadores que tem o vigor físico como principal atributo na busca por ocupações.

Historicamente fundamentais no âmbito do CAI canavieiro, os migrantes também o são em amplo conjunto de atividades marcantes na economia brasileira, o que demonstra não apenas as possibilidades de inserção ocupacional de trabalhadores pouco qualificados, mas também o seu lugar nos projetos desenvolvimentistas. Fundamental então, é a compreensão crítica da sua realidade em função de interesses acadêmicos, mas principalmente para subsidiar a politização do debate sobre os rumos do país e a real democratização das relações sociais, econômicas e políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. Políticas públicas compensatórias para a mecanização do corte de cana crua. Indo direto ao ponto. **RURIS**, Campinas, v.3, n. 1, p. 153 – 178, 2009.

ALVES, F. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo. Será este um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro? In: Novaes, J. R.; Alves, F. (Org.). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007, p. 21 - 54.

ALVES, F. Diagnóstico e propostas de políticas públicas para o Complexo Agroindustrial canavieiro na Macrorregião de Ribeirão Preto. In: MORAES, M. A. F. D.; SHIKIDA, P. F. A. (Org.). **Agroindústria canavieira no Brasil: evolução, desenvolvimento e desafios**. São Paulo: Atlas, 2002, p. 241 - 262

BAENINGER, R. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais eletrônicos...** Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2008. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1254.pdf. Acesso em: 25 set. 2011.

BAENINGER, R. São Paulo e suas Migrações no Final do Século 20. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo v.19, n.3, p. 84 – 96, 2005.

BAENINGER, R. **Região, Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil, 1980 – 1996**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, UNICAMP, 1999.

BALSADI, O. V. Mercado de trabalho assalariado na cultura da cana-de-açúcar no período 1992 – 2006. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 91 – 110, 2010.

BILLSBORROW, R. E. The state of the art and overview of the chapters. In: BILLSBORROW, R. E. (Org.). **Migration, urbanization, and development: new directions and issues**. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 1998, p. 1 – 56.

BRANDÃO, C. A. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2007.

BRITO, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. **Texto para Discussão** n. 366. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

CARNEIRO, M. S.; SOUSA, A.; MARINHO, K. Migração, estrutura agrária e redes sociais. Uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura da cana em São Paulo. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007, p. 215 – 232.

CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. Las migraciones internas en el Brasil contemporáneo. **Notas de Población**, Santiago, v. 82, p. 33-67, 2007.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (DNIT); UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). PIMENTA, A. F. F. (coord.); RATTON, E. (org.). **Atlas Multimodal: PAC – Programa de Aceleração do Crescimento**. Brasília: DNIT; Curitiba (UFPR). 64 p. 2011. Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/planejamento-e-pesquisa/coordenacao-geral-de-meio-ambiente/atlas-multimodal/itti-atlas-boneco-final-outubro.pdf>. Acesso em 30 de novembro de 2011.

DURHAM, E. **A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIAS, D. Região de Ribeirão Preto: o Brasil Agrícola Moderno. **GEOUSP**, São Paulo, nº 1, p. 73 – 83, 1997.

FARIA, V. Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 29, 1991.

GAUDEMAR, J. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital**. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

GOZA, F. W.; RIOS NETO, E. L. G.; MCQUARIE, D. . Temporary workers in the labor process of the São Paulo sugar Industry. **Critical Sociology**, Detroit, v. 23, n. 3, p. 33-64, 1997.

HARRIS, J. R.; TODARO, M. P. Migration, unemployment and development: a two-sector analysis. **American Economic Review**, Pittsburgh, v. 60, n. 1, 1970.

HARVEY, D. La producción de configuraciones espaciales: las movilidades geográficas del capital y el trabajo. In: HARVEY, D. **Los límites del capitalismo y la teoría marxista**. México DF, Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 376 – 415.

HOBSBAWN, E. Os homens se põem a caminho. In: HOBSBAWN, E. **A era do capital. 1848 – 1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 207 – 219, 1977.

KATZ, E.; STARK, O. Labor migration and risk aversion in Less Developed countries. **Journal of Labor Economics**, Chicago, v. 4, n. 1, p. 134–149, 1986.

KRISSMAN, F. Sin coyote ni patrón: why the “Migrant Network” fails to explain International Migration. **International Migration Review**, Nova York, v. 39, n. 1, pp. 4-44, 2005.

MARTINS, J. S. Migrações Temporárias - Problema Para Quem? **Travessia**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 5-8, 1988.

MASSEY, DOREEN. **Spatial divisions of labor: social structures and the geography of production**. New York : Methuen, 1984.

MASSEY, DOUGLAS. The social organization of mexican migration to the United States. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Philadelphia, 487, p. 102-113, 1986.

MASSEY, DOUGLAS; ARANGO, J.; HUGO, G. KOUAOUCCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. Theories of International Migration, **Population and Development Review**, Nova York , v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.

MELLO, M. C. D. **O Bóia-Fria: acumulação e miséria**. Petrópolis, Vozes, 1976.

MENEZES, M. A.; SATURNINO, M. As migrações sazonais do sertão paraibano para as usina canavieiras de São Paulo. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007, p. 233 – 256.

MORAES, M. A. F. D.; FIGUEIREDO, M. G.; OLIVEIRA, F. C. B. Migração de trabalhadores na lavoura canavieira paulista: uma investigação dos impactos sócio-econômicos nas cidades de Pedra Branca, Estado do Ceará, e de Leme, Estado de São Paulo. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 21–35, 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O Campo da Pesquisa Qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 65- 73, 2007.

NOVAES, J. R. P. Trabalho nos canaviais. Os jovens entre a enxada e o facão. **RURIS**, Campinas, v.3, n. 1, p. 105 – 127, 2009.

NOVAES, J. R. P. Idas e vindas: disparidades e conexões regionais. Um estudo sobre o trabalho temporário de nordestinos na safra da cana paulista. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007, p. 87 – 117.

OLIVEIRA, A. M. S. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canavieiro no Brasil e os desdobramentos para o trabalho**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia. Presidente Prudente: UNESP, 2009.

RAMOS, P. O futuro da ocupação na agroindústria canavieira do Brasil: uma discussão dos trabalhos disponíveis e um exercício de estimativa. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.37. Instituto de Economia Agrícola, p. 69 – 75, 2007.

SAINT, W. S. Mão de obra volante na agricultura brasileira: uma revisão da bibliografia. **Pesquisa em Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 503 – 526, 1980.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. **Travessia**, São Paulo, v.36, N. Especial, p.7 - 32, 2000.

SILVA, M. A. M. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCAR, 2007, p. 55 - 86.

SILVA, M. A. M. Se eu pudesse, quebraria todas as máquinas. ANTUNES, R; SILVA, M. A. M. **O Avesso do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 25 – 65.

SILVA, M. A. M. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SINGER, P. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense e CEBRAP, p. 29 – 60, 1987.

STARK, O.; BLOOM, D. The new economics of labor migration. **The American Economic Review**, Pittsburgh, v. 75, n. 2, p. 173 – 178, 1985.

SZMRECSÁMYI, T.; RAMOS, P. RAMOS FILHO, L. O. VEIGA FILHO, A. A. Dimensões, riscos e desafios da atual expansão canavieira. **Texto para Discussão 32**. EMBRAPA – Brasília/DF, 2008.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar las circulaciones migratorias: conveniencia de la noción de “territorio circulatorio”. Los nuevos hábitos de la identidad. **Relaciones**, Michoacán, v. 21, n.83, p. 37 – 66, 2000.

THOMAZ JR., A. Nova face do conflito pela posse da terra no Pontal do Paranapanema: estratégia de classe entre latifúndio e capital agroindustrial canavieiro. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v. 10, n. 2, 2009.

THOMAZ JR., A. Agronegócio *Alcoolizado* e Culturas em Expansão no Pontal do Paranapanema! Legitimação das Terras Devolutas e Neutralização dos Movimentos Sociais. In: III Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais. **Anais...** Feagri/Unicamp, Campinas, 2007.

TODARO, M. P. A Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries. **The American Economic Review**, Pittsburgh v. 69, p. 486-499, 1969.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199 – 218, 2008.

VANWEY, L.K. Land Ownership as a Determinant of Temporary Migration in Nang Rong, Thailand. **European Journal of Population**, Haia, v. 19, n. 2, p. 121–145, 2003.

VICENTE, M. C. M. Trabalho volante: a evolução de uma categoria. **Informações Econômicas**, São Paulo v. 29, n. 2, p. 31 – 51, 1999.

WEISS, R. S. **Learning from strangers: the art and method of qualitative interview studies**. New York: The Free Press, 1994.

ZELINSKY, W. The hypothesis of the mobility transition. **Geographical Review**, v. 61, n.2, p. 219 – 249, 1971.

Recebido em: 29/05/2015

Aprovado em: 10/08/2015